

O mal-estar na civilização de Freud: uma releitura necessária para o nosso tempo

Maria José de Andrade Souza¹

*Erra o homem enquanto a algo aspira
Quem sempre aspirando se esforçar
Poderá por nós ser redimido (Goethe, Fausto)*

Resumo: A partir da leitura do artigo O mal-estar na civilização, de Freud, a autora tece comentários sobre sua atualidade e introduz indagações sobre o que se poderia considerar um certo determinismo de Freud àquela época sobre a evolução do desenvolvimento mental do ser humano. A autora questiona a autonomia da pulsão destrutiva em detrimento do uso da capacidade de pensar favorecida pelo processo civilizatório e em escala particular pelo processo de análise. Cita autores como Hanna Arendt e Wilfred Bion que consideram o mal como decorrente da estupidez ou da incapacidade de pensar.

Palavras-Chaves: Desenvolvimento mental ser humano. Determinismo. Autonomia pulsão destrutiva. Capacidade de pensar.

O texto Mal-estar na civilização, de 1930, tem sido fonte de consulta para vários estudiosos de antropologia, sociologia, história, política, linguística, educação, além dos colegas psicanalistas, psicólogos, psiquiatras, pelas ideias ousadas e fundamentadas que expõe. Continua sendo um legado profundo e verdadeiro sobre o funcionamento emocional do ser humano, o qual é influenciado e influencia a cultura. Freud define civilização: “a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais e que serve a dois intuítos: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar suas relações mútuas”. E ainda “Reconhecemos como culturais todas as atividades e recursos úteis aos homens para lhes tornarem a terra proveitosa, para protegerem-na contra a violência das forças da natureza e assim por diante” (cap.III). Para Freud as noções

1. Analista Didata da SPFOR - Sociedade Psicanalítica de Fortaleza. Membro Associado da SBPSP- Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

de civilização e cultura seriam intercambiáveis.

No capítulo II Freud nos ensina: O sofrimento nos ameaça a partir de três direções:

- nosso corpo, condenado à decadência e dissolução;
- o mundo externo, que pode voltar-se contra nós através de suas forças de destruição esmagadoras e impiedosas;
- e finalmente nosso sofrimento origina-se do relacionamento com os outros homens.

“O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso que qualquer outro.”

Temos então alguns dos principais referenciais que nos conduzirão à dor na luta pela sobrevivência como seres humanos: o cuidado com nosso corpo que se deteriora com o passar dos anos e também pode ser atingido por catástrofes ou rigores da natureza, incluindo nessa vulnerabilidade o ataque por vírus, bactérias, outros animais, poluição, radiação, etc. Podemos nos deter aqui um pouco naquilo que de um modo mais considerável influencia a civilização que é a convivência dos homens entre si, nos seus relacionamentos com a família, sociedade, Estado.

Como seres humanos, não podemos prescindir da colaboração de outros seres humanos, seja para amarmos e constituir nosso grupo familiar, seja para trabalharmos e obtermos os benefícios resultantes do trabalho ou ainda para vivermos em relativa harmonia com os outros, formando instituições científicas, técnicas, educacionais, industriais, artísticas, e outras necessárias à nossa adaptação ao mundo e à nossa evolução como seres humanos.

O preceito “amar ao próximo como a si mesmo” que de acordo com Freud já teria sido formulado bem antes do advento do cristianismo e que pretendia diminuir a hostilidade dos seres humanos uns com os outros, soava para ele como remoto e imponderável, mesmo para aqueles que professam uma fé religiosa. (Cap V) “Amar ao próximo como a si mesmo” esbarraria num muro de granito: nosso narcisismo, de braços dados com nosso desamparo, a nos acompanhar desde o nosso

nascimento, fazendo-nos temer ou odiar o que é diferente do que somos, vemos ou pensamos. O inimigo é sempre aquele que propõe algum esforço ou adaptações para sairmos de nossa concha do que é familiar ou conhecido.

Dessa maneira, o narcisismo, até certo ponto defensor de nossa integridade, protetor de invasões massivas do nosso eu, a partir de outro ponto impede que nos aproximemos do Outro e vejamos nele não apenas um inimigo como também um possível aliado na luta pela sobrevivência e coexistência pacífica. Nosso narcisismo em proporções variadas em cada um de nós, constitui-se, portanto, na primeira dificuldade para aceitarmos o Outro, com suas diferenças e complexidades.

Em psicanálise, o estudo e tratamento de desordens narcísicas ocupa considerável parte de nossa clínica.

Temos ainda algo de capital importância para o convívio com os nossos semelhantes: as forças agressivas ou pulsões destrutivas que compõem nosso equipamento como ser humano, as quais nos acompanham desde o nascimento até nossos últimos dias, variando em intensidade para cada indivíduo, intrincadas com as forças de vida ou pulsões de vida (cap.V).

Quanto a estas, vejamos: *o amor ou Eros que cria a civilização através da reunião de entidades cada vez maiores, entretanto só poderá realizar sua missão civilizadora, quando unido ao sentimento de culpabilidade, ao recalçamento da agressividade e seu retorno contra o indivíduo.* As coletividades desenvolveriam um superego análogo ao do indivíduo, expresso em particular nos mandamentos religiosos e também associado aos códigos e leis seguidos pela sociedade.

Como assinalado acima, para neutralizar nossa poderosa pulsão destrutiva, utilizamos recursos característicos apenas da espécie humana. Freud nos indaga:

“Quais os meios que a civilização utiliza para inibir a agressividade que se lhe opõe, torná-la inócua ou talvez livrar-se dela? Sua agressividade é introjetada, interiorizada, enviada de volta ao ego. A civilização domina o perigoso desejo agressivo do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e

vigiando-o por intermédio de uma instância interna a ele mesmo, tal qual uma tropa instalada no interior de uma cidade conquistada” (cap.VII)

Essa “tropa instalada” seria o Superego, herdeiro do complexo de Édipo. A tensão entre Ego e Superego, geraria o sentimento de culpa, um instrumento fundador por excelência da civilização, levando o indivíduo a inibir suas pulsões seja pelo medo da perda de amor de sua figura amada da qual depende, seja pelo medo de punição. Se esse sentimento, contudo for exagerado, poderemos ter a instalação de estados depressivos de maior ou menor magnitude, doenças obsessivas, doenças psicossomáticas, auto-impedimento do desenvolvimento como pessoa total, compondo quadros neuróticos, psicóticos, *borderlines* para citar alguns.

Pulsões destrutivas ou pulsões de morte e pulsões de vida são algo que fazem parte de nosso destino humano. Freud ao final de seu estudo (cap.VIII) coloca “uma questão fatídica para a espécie humana” que seria: se e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguiria dominar a perturbação de sua vida comunal causada pela pulsão de agressão e autodestruição”.

Para fundar a civilização, seria necessário primeiramente inibir a pulsão sexual quanto à sua finalidade (genital e individual) e desviar a energia libidinal para atividades úteis à comunidade. A civilização exige de seus membros “a maior quantidade possível de libido inibida quanto aos fins sexuais, com o fim de reforçar o laço social através de relações de amizade”. Freud considera, entretanto, que “a agressividade, esse traço indestrutível da natureza humana” (cap. V e VI) ameaça constantemente de ruína a sociedade civilizada e deve também ser inibida.

Por outro lado, ela requer a mobilização dos métodos que incitem os homens a identificações e a relações de amor inibidas quanto à finalidade. Para ele esses métodos revelam-se insuficientes, pois a pulsão de destruição não cessa de avançar, para além de sua sujeição à causa da dominação da natureza e para além da sublimação, no sentido de sua verdadeira finalidade, a morte. Temos comentado todo o tempo sobre nosso equipamento bio-psicológico. Coloco uma questão: com o

decorrer do processo civilizatório, com o decorrer da evolução do indivíduo no seu meio, ele não se desenvolve também como indivíduo social? Não seria uma dimensão que vai se constituindo, sem a qual ele não poderia ser considerado homem? Acrescentarei adiante algo a esse respeito.

Não podemos, entretanto, desconhecer, algo de enorme complexidade e importância com o qual o ser humano foi dotado, que é a sua capacidade de pensar já apontada por Freud em A interpretação dos sonhos, onde pela primeira vez delinea o funcionamento de um aparelho psíquico, mais tarde descrito com maior complexidade, compreendendo sumariamente as instâncias EGO, ID e SUPEREGO. Poderíamos dizer que residiriam no Ego nossa capacidade de simbolização, de abstração, de raciocínio, de escolha, de renúncias, esforços continuados, nossa capacidade de amar, nossa capacidade de trabalho, de programar o futuro, de lembrar o passado, nossa capacidade de escuta, de enxergar além do imediato e das aparências, nossa capacidade de transformar o meio e educar, nossa capacidade de analisar e ser analisado.

Nosso Superego seria responsável pela obediência aos códigos e princípios éticos-morais, plasmados na família, sociedade e suas instituições. Todos esses recursos se contrapõem aos atos destrutivos, consequentes ao dismantelo das pulsões destrutivas.

Então aqui proponho o papel do aparelho de pensar na regulação das pulsões. Parece-me que subjacente ao funcionamento das pulsões está a nossa capacidade ou incapacidade de pensar. Não teria Freud concedido um papel autônomo ou quase autônomo às pulsões destrutivas?

Será que a sua predominância dever-se-ia apenas ao maior ou menor intrincamento com as pulsões de vida? O que pode nos levar a pensar em determinismos inatos.

A meu ver, é difícil hierarquizar funções em nosso aparato somatopsíquico, pois todas se interligam e produzem influências umas sobre as outras. Digo isso para lembrar que Freud assinalava um ego inicial primitivo regido pelo princípio

do prazer que teria exigências de satisfação imediata, um ego precário, vulnerável e cheio de ódio quando não satisfeito, destrutivo e cegamente implacável.

Esse ego persistiria escondido nas camadas mais profundas de nosso ser, podendo reaparecer inesperadamente em momentos de dor, frustração, ameaça de perigo ou mesmo sem razões aparentes. Esse aspecto de nosso funcionamento descrito por Freud nos ajudaria a compreender reações impulsivas, imaturas ou cruéis em determinados momentos de nossa vida quando já somos adultos, instruídos, “educados” pelo processo civilizatório. Teríamos assim alguma compreensão sobre determinados crimes hediondos de indivíduos ou segmentos das nações como atos de terrorismo ou maldade, torturas, matanças étnicas, etc. Em escala menor, existe nossa rivalidade, ódio, inveja, hostilidade com nossos semelhantes, como também o narcisismo das pequenas diferenças, também mencionado por Freud no texto. É possível que boa parte dos desentendimentos entre os seres humanos, decorra do aflorar dessas forças brutas do período primevo de nosso desenvolvimento emocional, requisitadas como defesas ou formas de ataque diante do que se apresenta como contrário a nossos interesses do momento.

Se não podemos contar com a parte organizada e elaborada de nosso psiquismo - nossa mente, declaramos guerra quando nos sentimos atacados ou retaliamos os que achamos que são hostis a nós.

Então teríamos como elementos que dificultariam o desenvolvimento da cultura: nosso narcisismo; o retorno do ego primitivo não civilizado; as pulsões destrutivas que nos acompanharão por toda a vida e paradoxalmente, a própria civilização, na medida em que impondo renúncias, provoca mal-estar e revolta.

Tendo feito essa primeira exposição muito sumária do Mal estar na civilização, gostaria então de levantar alguns questionamentos, auxiliada por outros pensadores, psicanalistas e não-psicanalistas.

Recorrerei em primeiro lugar ao próprio Freud para indagar sobre o poder inalienável de nossas forças destrutivas. Em trabalho anterior, “Nossa atitude diante da morte” (1915) Freud afirmava que o homem primitivo era sem dúvida um ser

extremamente tomado pelas paixões, mais cruel e maligno que os outros animais; assassinava facilmente, de um modo natural, não estando em questão, necessidades de sobrevivência. Os outros animais costumam matar para se alimentarem.

Penso que guardando as proporções, hoje o homem mata em escala menor. Seja porque ao longo de milênios tem introjetado leis básicas de ética que foram sendo criadas e impostas para manutenção da coexistência, seja pelas penalidades decorrentes de seu não cumprimento.

É verdade que essas leis e princípios éticos são ainda muitas vezes ignorados ou burlados, mas nos tempos primevos nem isso existia.

Ao menos não mais temos a morte na fogueira como espetáculo corriqueiro sob alegação de traição ao único código considerado legítimo, o credo cristão; Umberto Eco (2010) nos fala de aplicação de ferro em brasa, e arrancamento de órgãos como nariz, braços, etc praticados pela Santa inquisição, publicamente, naqueles que eram considerados culpados pelo crime da heresia; não mais temos a decapitação e exposição de órgãos esquartejados nas vias públicas, como punição por crimes políticos que aconteceu, por exemplo, com nosso Tiradentes.

É certo que na primeira metade do século passado tivemos o horror do nazismo cujos crimes, entretanto foram denunciados e julgados; na segunda metade do século passado, muitos de nós fomos testemunhas ou tivemos notícias de ações de crueldade humana como tortura física e mental de presos políticos e até de possíveis suicídios tanto em nosso país como em países vizinhos e mesmo europeus como na Rússia stalinista e China maoísta e outros. No Oriente atual ainda temos relatos de amputação de membros em caso de furto ou apedrejamento em caso de adultério.

São relíquias de barbárie das quais não estamos livres. Temos ainda a fome e a miséria como chagas vergonhosas do que intitulamos civilização. Porém vimos tomando consciência crítica e tentando aperfeiçoar nossas leis e procedimentos éticos. Um procedimento educador que considero importante é a atenção mais cuidadosa à infância e adolescência, da qual destaco a maior responsabilização dos pais, sendo estes hoje passíveis até de prisão no caso de maus tratos às suas crianças

como também são obrigados a providenciar instrução aos seus filhos.

Sabemos que até o século XVIII o pai podia espancar ou mandar prender o filho por “desobediência”. Em nossos dias, com o teste de DNA os pais biológicos não mais podem se eximir de suas obrigações. Penso ter havido maior humanização dos doentes mentais, sendo atribuído a Philip Pinel (1793) a extinção das correntes que os aprisionavam. Lembremos também a redução gradativa da pena de morte; a emancipação da mulher no seu direito de votar e ser votada, seu direito ao trabalho e à vida sendo a “Lei Maria da Penha” uma conquista.

Somos então seres capazes dessa capacidade de TRANSFORMAÇÃO que vigora não apenas individualmente, mas na associação com nossos congêneres. E talvez o grande salto a ser dado pela humanidade venha a ser essa noção do coletivo, do trabalho em conjunto, de mãos dadas. A esse respeito lembro Domenico De Masi (2005) que afirma que as grandes obras de criatividade da humanidade foram realizadas em equipe, mesmo que costume aparecer quase sempre apenas um nome individual. Para Masi, o verdadeiro sujeito histórico da criação não é o homem, mas a sociedade: a sociedade criativa; e que no terceiro milênio depois de Cristo, a criatividade individual é somente uma abstração ou um delírio de onipotência. Talvez obra alguma possa ser inteiramente atribuída a quem a assina, nem mesmo os maravilhosos quartetos de Beethoven quando ele já era surdo há vários anos. Faço aqui apenas uma menção muito rápida às grandes construções antigas e modernas que anunciam somente os nomes de seus idealizadores, mas nunca os dos operários, mestres e contramestres que as executaram.

Voltar-me-ei agora para a questão da “maldade humana”. A maldade aqui considerada como o prazer de praticar o mal, de maltratar, atacar o outro, o prazer na destruição.

Poderemos voltar um pouco em nossa exposição, lembrando que os impulsos destrutivos podem ser direcionados ao mundo externo ou ao próprio sujeito. No primeiro caso temos o sadismo e no segundo o masoquismo.

Em relação ao masoquismo, como psicanalistas nos deparamos com suas

variadas gradações, desde as enfermidades auto-impostas até os impedimentos auto-infligidos para impedir o próprio desenvolvimento emocional e social, desafio constante para nossa clínica. Enfocando a questão da maldade, ou do sadismo organizado, precisamos lembrar que no passado ela foi considerada obra do demônio, sendo localizada, por exemplo, nos hereges, que eram identificados como portadores do mal por serem supostamente contrários aos princípios cristãos. Os “hereges” precisavam ser eliminados pela fogueira, em praça pública para não espalharem o mal.

A ideia de demônio hoje sendo mais diluída, permanece a ideia de maldade ou ruindade própria da natureza humana.

E então gostaria de questionar essa ideia de ruindade humana como algo estabelecido, que faz parte do ser humano e pronto! O homem vem construindo o que se convencionou chamar de civilização como uma forma de ultrapassar seu lado animal, criar bens e produtos para sua subsistência bem como leis, regras e princípios éticos que possibilitem a convivência entre si, numa luta peculiar em que ora atua como a cultura que coíbe atos de egoísmo e individualismo, ora luta contra a civilização que coibiria sua liberdade.

Yankélevitch, V. (1998, cit. Sperling, D 2008) postula que o homem se torna homem através do processo civilizatório ou melhor, ele não nasce homem, ele se torna homem. Antes era uma criança plena de desejos egoístas e impulsividade, que precisaram ser educados pelos pais, pela família, pela comunidade, pela sociedade. Daí que essa noção de tornar-se, me parece crucial para uma releitura do texto freudiano. Voltarei a essa questão mais adiante.

O homem é mau ou torna-se mau? Marcelo Viñar em *As raízes do mal* (2008) cita pesquisa realizada por C. Browning, historiador que entrevistou 125 sobreviventes do Batalhão 101 – polícia de reserva do III Reich; essa polícia de reserva, homens que não puderam ser recrutados para o exército nazista por terem algum tipo de deficiência, eram de resto, pessoas comuns: comerciantes, operários, padeiros, etc. Então eles foram escalados para eliminar judeus de forma macabra: homens,

mulheres e crianças eram arrancados de suas casas na Polônia e obrigados a cavarem suas próprias covas, após o que recebiam um tiro na cabeça. Indagados na pesquisa porque obedeciam a essa ordem, responderam que não queriam se sentir diferentes dos demais, não queriam se sentir sós. O autor nos remete a Hanna Arendt que em seu artigo *A banalidade do mal* postula que a fonte do mal vem da abolição da capacidade de pensar. Para ela não há raízes do mal desde a pré-história até a eternidade, capazes de sustentar um pessimismo nihilista. O que é perpétuo é uma tensão constante entre forças libertárias e liberticidas; não há essências mas sim variações.

Para Viñar, o aumento da capacidade de pensar pode ser mais uma utopia humana. Porém não podemos cair no cinismo da descrença, pronta a seduzir intelectuais bem nutridos. Voltando a Freud, no seu importante trabalho ele parece privilegiar o poder das pulsões destrutivas, em detrimento da capacidade de pensar e do esforço sublimatório conseqüente.

Outro psicanalista dos mais importantes na atualidade, Antonino Ferro (2008), afirma que a guerra não é efeito da destrutividade mas sim da estupidez humana. É ainda Ferro que nos oferece uma reflexão quando nos diz que o massacre de Ruanda² (1994) ou o fenômeno nazista seriam uma cota que nossa espécie não é capaz de metabolizar e que precisa ser evacuada de algum modo.

Apoiando-se em W. Bion que afirmava ser nosso sistema de pensar ainda rudimentar, comenta que não sabemos se nossa espécie se encaminhará fatalmente para a destruição ou dará um salto evolutivo.

Por ora talvez devamos pensar em transformações e não em uma essência inamovível da natureza humana. Talvez devamos pensar numa mente passível de transformações, rearranjos de novas construções ou composições.

Nossa capacidade de sonhar é algo para o qual devemos buscar ampliações; não apenas do sonhar adormecido mas também do sonhar acordado do pensamento onírico de vigília. Ferro acredita que dentro talvez de uns quarenta anos surgirão novos modelos de funcionamento psíquico, novos modelos clínicos que poderão nos ajudar a trabalhar melhor e produzir transformações em nossos pacientes como

2. Em apenas cem dias em 1994, cerca de 800 mil pessoas foram massacradas por extremistas étnicos hutus em **Ruanda África**. Eles vitimaram membros da comunidade minoritária tutsi, assim como seus adversários políticos, independentemente da sua origem étnica.

também transformações em nossa capacidade de analisar. Os modelos que temos no momento devem ser vistos como provisórios, eles não são garantia de um saber inquestionável.

Quero finalizar convidando-os a refletir sobre a contribuição da psicanálise para nossa capacidade de pensar. Sem desconhecer que somos habitados por poderosas pulsões destrutivas ou vividos por forças inconscientes como lembrava Freud (O ego e o id 1923) também produzimos pensamentos e podemos nos tornar pensadores utilizando os pensamentos que necessitam ser pensados como nos ensinou Bion.

Pensar não apenas no sentido intelectual ou de aquisição de conhecimentos mas pensar no sentido mais profundo, de contato com nosso inconsciente, nossas emoções e sentimentos, no sentido de sofrer a dor, poder experimentá-la e transformá-la. A psicanálise contribuindo em nossa formação, sobretudo como seres humanos, através do que nos dispomos a tornarmo-nos: não apenas analistas evoluindo em relação a conhecimentos teóricos psicanalíticos; mas pretendendo ajudar nossos pacientes a tornarem-se seres humanos mais evoluídos como também nós analistas ambicionando evoluir, num tornar-se constante em relação a valores humanos, éticos, nos encaminhando para uma humilde sabedoria.

Ainda refletindo sobre o tornar-se, recorro a James Grottstein, (2010) ex-analisando de Bion, que em publicação recente lembra que Bion utilizava “tornar-se” em dois sentidos: o primeiro teria o sentido de evoluir e teria sido inspirado em Platão que diria: Aquilo que é, está sempre tornando-se” (Teecteto). O segundo uso por Bion, seria clínico: o analista deve tornar-se o analisando. Como assim? Podemos perguntar. Grottstein nos auxilia: ele nos diz que assim como nos tornamos o que ingerimos e digerimos, também nós enquanto analistas, precisamos digerir, assimilar, nos tornarmos a experiência emocional que o analisando está nos transmitindo, tanto conscientemente como inconscientemente. Stanilaswki, teatrólogo russo (cit. Grottstein) ensinando seus alunos a identificarem-se com os personagens que representavam, sugeria um método que guarda analogia com as idéias de Platão e Bion em relação a tornar-se: ele recomendava que em vez de usarem o método tradicional

de representação que sugeria que os atores primeiro projetassem suas emoções e sentimentos nos personagens para depois reintrojetá-las, recomendava que o aluno olhasse dentro de si mesmo e tentasse localizar aquelas experiências e memórias internas que combinassem com ou correspondessem ao papel a ser desempenhado.

Na situação clínica, o analista deveria “tornar-se” as emoções do paciente ao senti-las para depois de metabolizadas ganharem um significado emocional a ser oferecido ao analisando sob forma de interpretações ou compreensões.

Gostaria de lembrar, sobretudo aos que estão começando a exercer psicoterapia e psicanálise, que para tornar-se analista ou psicoterapeuta de orientação analítica, não bastam conhecimentos teóricos que muitas vezes se não utilizados com sabedoria, podem tornar-se mais um escudo ou proteção contra um contato emocional verdadeiro com o analisando.

Para alguém tornar-se analista é preciso analisar-se o maior tempo possível, sem reservas ou pudores. Para alguém tornar-se analista é preciso dispor-se a aprender com seu analisando que como afirmava Bion, é o melhor colega do analista.

The civilization and its discontents by freud: A necessary reading for our times

ABSTRACT: From the reading of Freud's text's, the author weaves from accounts about current events and introduces questions about what one should consider as a certain determinism of Freud at that time on the evolution of the mental development of the human being. The author questions the autonomy of the destructive instinct to the detriment of the use of the capacity of thought favored by the civilizing process and in a particular scale by the process of analysis. She quotes authors such as Hannah Arendt and Wilfred Bion who consider the evil as stemming from the stupidity or from the incapacity to think.

KEYWORDS: Human mental development, determinism, autonomy, destructive instinct, capacity to think.

El mal-estar en la civilización de freud: una relación necesaria para nuestro tiempo

RESUMEN: A partir de la lectura del artículo El malestar en la civilización, de Freud, la autora tece comentarios sobre su actualidad e introduce indagaciones sobre lo que se podría considerar un cierto determinismo de Freud a aquella época, sobre la evolución del desarrollo mental del ser humano. La autora cuestiona la autonomía de la pulsión destructiva en detrimento del uso de la capacidad de pensar, favorecida por el proceso civilizatorio y en una escala particular por el proceso de análisis. Cita autores como Hanna Arendt y Wilfred Bion que consideran el mal como consecuencia de la estupidez o de la incapacidad de pensar.

PALABRAS-CLAVE: Desarrollo mental ser humano, determinismo, autonomía pulsión destructiva, capacidad de pensar.

Referências

ARENDR, H. (2008). Cit. Viñar, M. in *Lasraicesdel mal – Figuras Del mal* (Docta Publicaciones de La Asociación Psicoanalítica de Córdoba).

BION, W. (2008). Cit. *Viñar, M. in Lasraices del mal*. Figuras del mal (Docta Publicaciones de La Asociación Psicoanalítica de Córdoba).

De MASI, D (2005). *Criatividade e Grupos criativos – Descoberta e invenção*. Vol. 1 – Sextante: Rio de Janeiro.

ECO, U. (2010). *O nome da rosa*. Record: Rio de Janeiro.

FERRO, A. (2008) – *La guerra non esunefecto de ladestrutividad sino de la estupidez humana*.

Figuras del mal (2008). (Docta Publicaciones de la Asociación Psicoanalítica de Córdoba).

FREUD, S. (1975). *Nuestra actitud hacia la muerte*. OCSF Vol. XIV – Amorrortu Editores Buenos Aires, Argentina.

_____ (1972). *O mal-estar na cultura* OCSF Vol. XXI – Imago: Rio de Janeiro.

_____ (1972). *A interpretação dos sonhos* – OCSF. Vol V cap VII. Imago: Rio de Janeiro.

_____ (1972). *O ego e o id e outros trabalhos*. Vol. XIX – Imago: Rio de Janeiro.

GOETHE, W. (1981). *Fausto*. Tradução de Jenny K. Segall – Universidade se São Paulo: São Paulo.

GROTTSTEIN, J. (2010). *Tornar-se – Um facho de intensa escuridão*. Artmed: Porto Alegre.

HEY, H. (1965). *Tratado de Psiquiatria* – Toray-Masson. Barcelona, Espanha.

SPERLING, D. (2008). *Contra la pureza*. Figuras del mal (Docta Publicaciones de La Asociación Psicoanalítica de Córdoba).

VIÑAR, M. (2008) - *Las raices del mal* – Figuras Del mal (Docta Publicaciones de La Asociación Psicoanalítica de Córdoba).

YANKELÉVITCH, V. (2008). “*Le mal*” in *Philosophie morale*. Flammarion, Paris 1998 cit Sperling, D. – *Contra la pureza*. Figuras del mal (Docta Publicaciones de La Asociación Psicoanalítica de Córdoba).